

SOCIEDADE PRETA E BRANCA: PERCEPÇÕES DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Kaline Ferreira Costa

Graduanda em História pela UEPB/PIBIC/CNPq

Maria Regina Alves dos Reis

Graduanda em História pela UEPB / PROPESQ

Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Doutora em Educação

Algumas contribuições da História Cultural

Quando Marc Bloch e Lucien Febvre fundaram a escola histórica dos Annales, em 1929, deram início a grande abertura metodológica e temática com a qual a historiografia iria trabalhar daí por diante. Recusando os pressupostos de sua antecessora, a escola metódica (conhecida por positivista), o grupo dos Annales assumiu algumas coordenadas pragmáticas como a diversificação das fontes e o conceito destas, a preferência aos estudos dos eventos isolados, um maior interesse ao não-factual e, outro fator bastante importante, a análise de uma história-problema, a fim de conhecer as nuances dos eventos.

Abrindo espaço para novas temáticas, os Annales também contribuíram para a abertura à novas fontes, foi então, a partir daí, que o historiador pôde se debruçar em documentos antes considerados inválidos, como diários, músicas, objetos simbólicos, dentre outros. Com a “revolução dos documentos” vivenciada pelos historiadores, entrou também em cena as “novas histórias”, ou seja, correntes teóricas que passaram a absorver as ações e os simbolismos cotidianos para estudá-los e tentar encontrar seus significados. A cultura, então, começa a se apresentar no palco da História como uma musa que tem muito a mostrar.

Achamos por bem demonstrar no que consiste o campo de estudo da História Cultural para BARROS (2004) em termos de melhor entendimento sobre o assunto:

Para além dos sujeitos e agências que produzem a cultura, estuda-se os meios através dos quais esta se produz e se transmite: as práticas e os processos. Por fim, a ‘matéria-prima’ cultural propriamente dita (os padrões que estão por trás dos

objetos culturais produzidos): as “visões de mundo”, os sistemas de valores, os sistemas normativos que constroem os indivíduos, os ‘modos de vida’ relacionados aos vários grupos sociais, as concepções relativas a estes vários grupos sociais, as idéias disseminadas através de correntes e movimentos de diversos tipos. (BARROS, 2004, P. 61)

Neste trabalho, então, estaremos utilizando a História Cultural como dimensão teórica e suporte metodológico para a análise da cultura afro-brasileira, mais especificamente sua religiosidade.

Religiosidade afro-brasileira como mecanismo de alteridade

A religião dos Orixás faz-nos perceber que tais crenças são constituídas por um conjunto de valores que são passados de geração em geração buscando o equilíbrio das relações humanas. Descrevendo algumas especificidades dessa prática cultural, Pereira (2007) aponta que:

Nas vivências religiosas dos brasileiros, as presenças africanas são profundas e complexas. Por um lado, temos o Candomblé, religião de origem africana ou, como também é chamada, a religião dos orixás. Os orixás, de procedência ioruba, segundo os preceitos sagrados, cuidam de partes específicas do mundo e da natureza. Há orixás que zelam pela colheita, pelo raio, pela chuva, pelo mar, pela afetividade, etc. [...] (PEREIRA, 2007, p.24)

Demonstrando que essa é uma religiosidade voltada para o sagrado, ao apontar o papel, esse autor nos faz entender que a visão negativa atribuída a esses cultos são fruto da falta de conhecimento e da tentativa de imposição de uma crença em prol de outra, esse último fato sendo fruto do preconceito.

Concomitantemente, Pereira (2007) adentra no universo do chamado sincretismo religioso e promove, com isso, a reflexão sobre o racismo:

Por outra parte, temos o Congado, que aproxima heranças africanas de origem banto, aspectos do catolicismo e, em algumas regiões, aspectos de culturas indígenas. No Congado, os devotos cantam e dançam, ao som dos tambores, para louvar os antepassados, os deuses Zambi e Calunga (divindades do panteão banto) e os santos católicos (entre eles, Nossa Senhora do Rosário, são Benedito, santa Efigênia, são João, são Jorge etc.). Uma das características do Congado é o cortejo dos ternos ou guardas, que percorrem as ruas, visitam igrejas, cantando e dançando ao som de músicas sagradas. (PEREIRA, 2007, P. 25)

Assim, a reflexão promovida por tal autor nos faz cair no campo da seguinte dúvida: Se o Brasil é historicamente marcado por influências culturais de várias etnias, porque então buscar uma homogeneidade sócio-cultural? E o autor continua nos levando a interrogações ao tratar dos preceitos de dois importantes ramos das religiosidades de matriz africana:

[...] O Congado e o Candomblé constituem vivências religiosas nas quais muitos brasileiros de diferentes origens étnicas encontram seus valores para se relacionar com o mundo. Como práticas religiosas, o Congado e o Candomblé apresentam uma série de preceitos que, uma vez conhecidos, ajudam os devotos a fazer suas escolhas pessoais e firmar alianças com os seus semelhantes. Além disso, essas práticas os situam dentro de uma ordem social que tem nas heranças africanas a base para o diálogo com as demais matrizes culturais da sociedade brasileira. (PEREIRA, 2007, P. 25)

Pronto! Temos mais uma interrogação a fazer: Por que crescemos aprendendo que o candomblé, por exemplo, é ritual maligno se, na verdade, sua base sagrada, por assim dizer, traz princípios tão necessários para a convivência em sociedade, como o respeito e a fraternidade?

Busca-se a homogeneidade religiosa e a demonização dos cultos de matriz africana para que um mesmo grupo, elitista e racista, se mantenha no poder. Os negros

africanos vieram aportados para terras brasileiras sob o signo da inferioridade, chegando aqui, esse discurso foi amalgamado com mais força ao da bestialidade, e assim, tudo o que fosse originário da África (menos as riquezas) seria considerado inferior e bestial.

Com o fim da escravidão chega a industrialização no Brasil, e esses negros irão figurar agora nos morros, cortiços e favelas. Tantos anos depois, apesar de muita mudança, os negros continuam sendo marginalizados.

Quando esse discurso se introjecta na sociedade ele passa a ser lugar comum, e aí se inicia um processo de interiorização do racismo, o qual, na maioria das vezes é silencioso, impedindo que encontrado e combatido com maior precisão.

Racismo

Esse racismo silencioso é aquele que podemos encontrar em gestos, atitudes sutis, dentro dos lares ou até mesmo na grande mídia televisiva, e que ocorre de maneira tão particularizada que acaba por vencer o direito, ou seja, as leis, que não conseguem o abarcar.

Lilian Moritz Schwarcz (1998), em seu livro *Nem Preto nem Branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade*, que faz parte da coletânea *História Privada do Brasil*, trata com maestria sobre esse tipo específico de racismo, o racismo camuflado:

É só dessa maneira que podemos explicar os resultados de uma pesquisa realizada em 1988, em São Paulo, na qual 97% dos entrevistados afirmaram não ter preconceito e 98% - dos mesmos entrevistados - disseram conhecer outras pessoas que tinham, sim, preconceito. Ao mesmo tempo, quando inquirimos sobre o grau de relação com aqueles que consideravam racistas os entrevistados apontavam com frequência parentes próximos, namorados e amigos íntimos. Todo brasileiro parece se sentir, portanto, como uma ilha de democracia racial, cercado de racistas por todos os lados. (SCHWARCZ, 1998, p. 180).

Esses dados revelam a contradição do brasileiro: ao mesmo tempo em que negam serem preconceituosos, afirmam saber que o preconceito existe, mas sempre apontam o outro como algoz.

Além disso, o problema parece ser o de afirmar oficialmente o preconceito, e não o de reconhecê-lo na intimidade. Tudo isso indica que estamos diante de um tipo particular de racismo, um racismo silencioso e sem cara que se esconde por trás de uma suposta garantia da universalidade e da igualdade das leis, e que lança para o terreno do privado o jogo da discriminação. Com efeito, em uma sociedade marcada historicamente pela desigualdade, pelo paternalismo das relações e pelo clientelismo, o racismo só se afirma na intimidade[...]. (SCHWARCZ, 1998, p.183).

Assim, diversos modelos sócio-político-econômico-culturais impostos pela elite ao longo do tempo trouxeram em seu âmago o estigma contra o negro, e isso se deu com a ajuda de teorias que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a afirmação da inferioridade do negro de uma forma próxima ao cientificismo. Essas teorias foram desde o discurso eugenista do século XIX até os aspectos sádicos atribuídos aos negros por Gilberto Freire.

Essas considerações são importantes para entendermos porque hoje os próprios negros, em alguns casos, sentem dificuldade em se assumirem como tal, uma vez que ninguém gosta de se identificar com o que é considerado ruim.

Intolerância religiosa

Toda essa criação de estereótipos fez com que a religiosidade de matriz africana fosse vitimizada em excesso no rol das práticas culturais, e com isso os absurdos promovidos pelos grupos racistas ocorrem frequentemente. Mesmo havendo leis coibindo a intolerância religiosa, não são raras as notícias sobre membros de determinadas religiosidades que usaram de violência física, quebrando imagens africanas, invadindo terreiros de umbanda, ou violência psicológica, instigando seus fiéis a depreciarem esses cultos.

Como já havíamos falado anteriormente, um dos passos que a sociedade atual pode dá para combater o racismo e, conseqüentemente, a intolerância religiosa desprendida aos cultos de matriz africana, é investir numa educação crítica e de qualidade. Sabemos que a escola não consegue realizar seus objetivos sozinha, pois toda a sociedade precisa estar envolvida no projeto educacional de qualidade, mas

abordamos aqui o papel específico da escola para demonstrar sua importância nesse projeto, pois é lá que se encontram todos os tipos de cores, crenças, ideais, classes sociais, enfim, todas as diferenças, e é lá também o ambiente especial para o incentivo ao conhecimento e a educação.

Pensando nisso, a presente pesquisa analisa as percepções que os estudantes de duas turmas do ensino médio de uma escola pública de Campina Grande – PB possuem acerca das religiosidades afro-brasileiras, levando em consideração a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História da África e da cultura afro-brasileira nas escolas, para assim observarmos alguns dos aspectos que viemos discutindo até o presente momento como a intolerância religiosa.

Separando o preto do branco

A pesquisa que iremos abordar aqui trata-se de um projeto de iniciação científica intitulado “ A religião afro-brasileira nos saberes e práticas da escola e nas tessituras das redes digitais”, que procura analisar questões referentes a percepções das práticas religiosas de matriz africana em turmas de ensino médio de uma escola pública de Campina Grande –PB, e nos meios digitais utilizados por jovens, como blogs.

A partir desses e de outros objetivos, foram feitas algumas pesquisas iniciais por meio de questionários. Na análise destes, percebemos alguns discursos peculiares dos estudantes a respeito dessas crenças. Serão essas e suas respostas que irão ser problematizadas a partir de agora.

Foram escolhidas 4 das 12 perguntas presentes no questionário, por serem as que melhor contemplavam o nosso objeto de estudo com maior objetividade, ou seja, são perguntas referentes à como esses estudantes vêem as religiosidades de matriz africana e o que pensam delas.

As perguntas escolhidas, então, foram: 1)Qual sua orientação religiosa?; 2)Qual sua opinião a respeito das religiões afro-brasileiras?; 3) Você acha que as pessoas que fazem parte da umbanda ou candomblé sofrem preconceito? Por quê?; 4)Já presenciou alguma situação em que uma pessoa de religiosidade afro-brasileira sofreu preconceito? Caso responda assim, comente.

Iremos agora avaliar as respostas da primeira turma. Foram avaliados 26 alunos cursando o 1º ano do ensino médio, sendo 19 do sexo feminino e 7 do sexo masculino entre 14 e 17 anos. Em relação à etnia, é importante observar que 11 se declararam brancos, 9 pardos e apenas 6 afirmaram ser negros.

Se nos determos momentaneamente neste primeiro ponto, referente a etnia, encontraremos o primeiro problema: Há certa relutância por parte dos estudantes em se auto-definirem negros, e a cor parda ainda é usada como forma de se desviar dessa definição, uma vez que a maioria esmagadora da turma tem o tom de pele mais escuro e todos ali sabiam da grande influência negra no fenótipo da população brasileira.

Em relação à 1º questão, “Qual sua orientação religiosa?”, 13 pessoas responderam serem católicas, 9 protestantes e 4 afirmaram não possuírem religião definida. Aqui temos que destacar que a maioria dos que afirmaram ser católicos haviam marcado a opção de etnia branca, representando 6 do total, enquanto que quem afirmou ser protestante foram 4 que se declararam brancos e mais 4 que se declararam pardos, havendo apenas 1 negro protestante e 1 sem orientação religiosa.

Analisando essa questão, podemos perceber que, a maioria se declarou branca e católica, fator bastante predominante na sociedade brasileira, e a própria religiosidade cristã, por muito tempo, foi considerada uma religião de brancos pela sociedade.

A segunda questão é ainda mais curiosa e diz respeito às contradições discursivas, “Qual a sua opinião a respeito das religiosidades afro-brasileiras?”. Nenhum estudante afirmou ter preconceito e 1 deles afirmou não gostar embora tenha demonstrado contradição em sua justificativa: “*Na minha opinião todas é macumba, mas não tenho discriminação.*” (C. M. S. 2012).

Esta resposta da estudante demonstra claramente a contradição existente nos discursos, pois, ao mesmo tempo em que afirma não ter preconceito, faz uma observação preconceituosa quando trata a religiosidade como “macumba”, sendo que aqui a macumba é entendida de maneira pejorativa, e não no seu real significado, isto é, um instrumento musical.

Dando prosseguimento, temos a 3º questão, “Você acha que as pessoas que fazem parte da umbanda ou candomblé sofrem preconceito? Por quê?”. Aqui, apenas uma pessoa respondeu que não, sem dizer o porquê, enquanto todos os outros disseram que os membros dessas religiosidades sofrem preconceito. As justificativas mais comuns foram: “*Acho que sim, porque as pessoas hoje em dia gosta muito de disrespectar as pessoas.*” (C. M. S. 2012); “*Sim, porque muita gente não gosta... e falam mal.*” (R.S.D. 2012); “*Sim, pois há alguns pontos não são conhecidos e por isso são sujeitos a preconceito*”(M.A. 2012); “*Sim, pela forma que eles se vestem e por adorarem a seres que simplesmente não existem.*” (J. C. N. 2012); “*Sim, pois muitas*

peças pensam que são do demônio e por isso se afastam com um certo medo” (J. K. S. C. 2012)...

Nesse momento, podemos perceber que, segundo eles, o problema do preconceito gira em torno da falta de conhecimento, pois esse foi o argumento mais utilizado por todos.

Na última questão, “Já presenciou alguma situação em que uma pessoa de religiosidade afro-brasileira sofreu preconceito? Caso responda sim, comente.”, apenas 3 pessoas responderam já ter presenciado: “*Já, no programa de televisão.*” (E.S.A. 2012); “*Sim. Eu, quando falei que ‘era’ espírita.*” (E. K. C. L. 2012); “*Sim. Como já comentei no nº 05 se afastam por um certo medo dizendo que é do mal e etc.*” (J. K. A. C. 2012).

Voltamos então para a discussão anterior onde tratamos do racismo “camuflado”. Percebe-se pela respostas dos estudantes que, apesar de cada um responder afirmando não serem racistas, todos acreditam que há racismo e que ele acontece contra os membros de religiosidades de matriz africana. Do mesmo modo, a grande maioria relatou nunca ter presenciado qualquer cena de preconceito nesse sentido, enquanto que, no primeiro caso, a visualização foi proposta pela TV, no último pelo medo, o segundo caso demonstrou uma clara confusão entre o que é espiritismo e o que é religiosidade afro-brasileira.

Partindo para a análise da segunda turma (depois iremos analisar todos os dados), temos uma sala com 18 alunos, 04 do sexo feminino e 14 do sexo masculino, sendo 8 católicos, 9 protestantes e um sem religiosidade definida, enquanto que, em relação à etnia, 10 se definiram brancos, 2 negros, 4 pardos, 1 moreno e 1 não se identificou. Destes 10 brancos, 4 afirmaram serem católicos e 5 evangélicos, enquanto os 2 negros estão divididos entre 1 católico e 1 protestante, demonstrando mais uma vez a maioria branca cristã, embora dessa vez não católica, mas protestante. Estes foram os dados da primeira questão.

Em relação à segunda questão, 08 responderam acharem que as religiosidades de matriz africana são interessantes, normais e que merecerem respeito: “*Eu respeito como todas as outras, por que em cada cantinho do mundo tem um deus pra ser adorado.*” (A.F. (2012); “*Uma religião normal.*” (L. C. F. O. 2012); “*Só acho que toda e qualquer religião deve ser respeitada.*” (W. P. S. 2012).

Novamente nenhum afirmou ter preconceito, embora, mais uma vez, tenhamos achado justificativas contraditórias, implicando o “cuidado” deles em não afirmarem

qualquer preconceito particular, mas, seguindo para a próxima questão, todos afirmaram saber da existência do racismo na sociedade.

Nesta turma, apesar de muitos discursos inteiramente favoráveis às religiões de matriz africana, as frases contrárias foram bem mais intensas do que na turma anterior: “*Pra mim é um tipo de coisa que não é do agrado de Deus pois eles preferem agradar o satanás do que Deus.*” (A. R. B. 2012); “*Rituais satânicos, só traz agouro.*” (Y. N. L. S. 2012).

É preciso entender as contradições desses discursos, pois ao mesmo tempo em que conceituam negativamente as religiosidades afro afirmam não ter preconceito: “*São um bando de macumbeiro mas, não tenho preconceito.* (Y.N.L.S. 2012); ou *Acredito que cada um acredita no que acha certo, na minha opinião, não quero pra mim.*” (G.B.A.J. 2012). Respostas como estas indicam que, mesmo sendo explicitamente contrários aos rituais de matriz africana, os estudantes se preocupam em não demonstrarem preconceito, seja por se sentirem inseguros em um ambiente onde se tenta ensinar o respeito, seja por demais e números outros motivos. As próximas tabelas revelam melhor os pensamentos dos alunos.

O fato de a maioria da turma ser do segmento religioso denominado protestantismo pode ter influenciado nessa visão negativa, uma vez que foram os responsáveis por respostas mais radicais, como as que afirmaram serem os cultos afro-brasileiros rituais satânicos e distantes da verdade, precisando “encontrar Deus para se salvarem” (L.N., 2012), dentre outros exemplos de intolerância religiosa e desconhecimento sobre o assunto. Outro ponto muito importante a ser destacado é o fato de ainda não se debater esse assunto como se deveria. Apesar da obrigatoriedade do ensino de História da África devido a Lei 10. 639/03, a escola continua a negligenciar a cultura afro, resultando no fato de quase todos os estudantes avaliados não terem nem ao menos o conhecimento dessa lei.

Na turma do 1º ano do ensino médio pôde-se notar, a princípio, que a maioria ainda conserva os velhos preconceitos contra os cultos afro-brasileiros, demonstrando concomitantemente uma falta de conhecimento gritante, embora muitos tenham se mostrado abertos a tal aprendizagem, por terem necessidade de conhecer mais o assunto.

Resultados

A partir da percepção do que estes sujeitos conhecem sobre o tema e de que maneira isto está presente nas redes sociais, pode-se delinear conclusões acerca da problematização específica do projeto, qual seja o modo como a educação vem tratando a questão dos cultos afro-descendentes e o que se pode resultar deste tratamento.

Criada uma representação negativa dos cultos de matriz africana, passa a surgir na sociedade o entendimento de que tal representação é verdadeira, e assim o preconceito ganha status de necessário, pois entende-se que, por exemplo, o representante do candomblé é o representante do mau, e dessa forma precisa ser combatido. Sobre esse aspecto, Chartier (2002) afirma que:

[...]Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, em um instrumento que produz uma imposição interiorizada, necessária lá onde falta o possível recuso à força bruta. (CHARTIER, 2002, P. 75)

Desse modo, estabeleceu-se na sociedade a idéia de que religiosidade de matriz africana não é culturalmente importante nem socialmente aceitável. Daí a urgente necessidade de pôr em prática o conjunto de artifícios elaborados pelos movimentos negros, pelas políticas afirmativas e pelos estudos culturais, que trazem as reais contribuições desses povos para a cidadania.

Desse modo, os resultados da pesquisa mostraram que o desconhecimento e conseqüente preconceito em torno das religiosidades afro brasileiras é latente nas turmas pesquisadas. Do mesmo modo, encontramos falhas pedagógicas visíveis, onde temas de grande importância são pouco trabalhados na disciplina de História e não o são nas demais, demonstrando que a obrigatoriedade do ensino interdisciplinar de História da África e Cultura Afro-Brasileira não é aplicada como deveria.

Ao fim da pesquisa, pode-se afirmar que há uma carência efetiva em relação ao tema aqui trabalhado. Isso demonstra algo perturbador: além de haver pouca discussão, boa parte dos estudantes é indiferente a isso, outros levantam a bandeira do preconceito “defendendo” sua religião, e pouquíssimos tentam promover um debate consubstancialmente democrático.

Desse modo, percebeu-se que a situação continua pouco favorável aos grupos religiosos afro brasileiros, e a escola continua (apesar de mudanças significativas) indiferente a isso, negligenciando possíveis estudantes que fazem parte desse grupo

cultural e merecem ser reconhecidos como praticantes de uma cultura que educa, mas que devido a incompreensões sociais, circulam sorrateiramente entre os demais, preferindo esconder suas crenças a sofrer algum tipo de preconceito e serem ridicularizados.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História. Especialidades e Abordagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BITTENCOURT, Circe (org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula. Coleção Repensando o Ensino.** São Paulo: Editora Contexto, 2004;

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude.** Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola – Questões sobre culturas afrodescendentes e educação.** São Paulo: Paulinas, 2007.

SCHWARCZ, L. K. M.. **Nem Preto, Nem Branco Muito Pelo Contrário: Cor e Raça Na Intimidade Brasileira.** In: Lilia Katri Moritz Schwarcz. (Org.). *Historia da Vida Privada no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v., p. 174-243.